

CHAVES

Desafio nas regiões do interior está em inovar mantendo as tradições culturais

COMO É QUE CONSEGUIMOS NUMA REGIÃO COM CARACTERÍSTICAS MUITO PRÓPRIAS CAPTAR JOVENS INOVADORES E EMPREENDEDORES? É ESSE O GRANDE DESAFIO DE UM PROJECTO, QUE ENVOLVE VÁRIAS REGIÕES RURAIS E DE MONTANHA DE VÁRIOS PAÍSES EUROPEUS, NO QUAL A ADRAT ESTÁ ENVOLVIDA.

Business to Nature (B2N) é um projecto de cooperação entre regiões de vários países europeus, que procura contribuir para o desenvolvimento económico sustentável de regiões europeias. A Associação de Desenvolvimento da Região do Alto Tâmega (ADRAT) faz parte desta iniciativa, e recebeu nas suas instalações, no passado dia 7 de Outubro, o Seminário de Empreendedorismo e Inovação no Meio Rural. Bulgária, Eslovénia, Espanha, França, Itália, Portugal, Polónia, Reino Unido e Suécia são os países de 11 instituições que, através do Programa de Cooperação Inter-Regional (INTERREG IVC), financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), procuram partilhar experiências e boas práticas nas áreas da inovação, conhecimento económico e prevenção de riscos.

"A conclusão a que chegamos é que os problemas são semelhantes nos quatro cantos da Europa", afirmou António Montalvão, secretário-geral da ADRAT, explicando que as zonas rurais e de montanha vivem neste momento "problemas de fixação da população" e em conseguir "ser competitivo e inovador".

O objectivo é claro: "Promover um modelo de desenvolvimento sustentado e inovador, mas que simultaneamente respeite as especificidades e a cultura da região", atrai António Montalvão. Neste momen-

to o projecto está ainda na fase de análise e avaliação das realidades vividas um pouco por toda a Europa, mas o projecto B2N tem previsto a criação de um guia, que incidirá nas vertentes: social, económica e ambiental.

Quer em relação ao Alto Tâmega, quer em relação a regiões do interior em geral, para António Montalvão, vivemos num "paradigma e contradição". "Fazemos o melhor que há no mundo e cada vez mais estamos mais pobres", afirmou o secretário-geral da ADRAT, dando o exemplo dos produtos alimentares que saem da região, que são de reconhecida qualidade, mas que não são decisivos para a economia da região.

"Problema comum de termos sido isolados durante anos pelas políticas centrais"

Vindo dos vizinhos espanhóis para participar no seminário esteve José Manuel Rodríguez, do "Instituto Ourense de Desenvolvimento Económico" (INORDE), que apresentou as "Estratégias de desenvolvimento provincial", de Ourense.

"Se não está tudo inventado, está quase tudo inventado, e há que inovar, e inovar não é nada mais que melhorar. Se nós temos um produto bom, temos que garantir que cre emprego", explicou José Manuel Rodríguez, conside-



"A CONCLUSÃO A QUE CHEGAMOS É QUE OS PROBLEMAS SÃO SEMELHANTES NOS QUATRO CANTOS DA EUROPA", AFIRMOU ANTÓNIO MONTALVÃO.

rando as regiões de Ourense e Alto Tâmega muito parecidas. "Nós temos um problema comum, de termos sido isolados durante anos pelas políticas centrais. Reivindicados o nosso espaço mas eles viram-se sempre para a costa. Tanto Ourense como Tâmega têm vivido a mesma situação, temos que estar sempre unidos para dizermos que estamos aqui e para reivindicarmos o mesmo", afirmou o representante do INORDE.

A crise não parece assustar José Manuel Rodríguez, explicando que é preciso "seleccionar o que se vai fazer", em vez de investir em tudo. "Nós temos um barco e esse barco por vezes navega em águas tranquilas ou navega em águas agitadas, mas temos que liderar e temos que ir todos os dias ao mar para pescar", exemplificou.

"A crise é mais selectiva, temos de saber em que sectores vamos poder investir, quais estão melhores", concluiu.

"O turismo e os pequenos empreendimentos são o futuro que vão ditar o desenvolvimento que a região vai ter"

A convite do Ecomuseu do Barroso, José Carlos Moura, presidente da Associação Social e Cultural de Paredes do Rio, participou no Seminário para falar do trabalho realizado na aldeia em prol do desenvolvimento do turismo.

"Começámos com pequenas recreações da nossa cultura, como as segadas e as malhadas, tradições que se julgavam perdidas, e a partir do momento em que conseguimos a motivação das pessoas, e também reavivar o espírito de comunitarismo da aldeia, começamos a fazer a recuperação de todo o património, e a organizar visitas guiadas pagas a esta aldeia, que tem sido um sucesso tremendo e o fustasteiro que por ali passam ficam deliciados com o vêem e voltam com mais gente", contou José Carlos Moura.

Considerando que o turismo "ainda não está organizado", mas que "está a dar os primeiros passos",

a "desertificação dos meios rurais" é, para o presidente da Associação Social e Cultural de Paredes do Rio, "um grande problema". "O turismo e os pequenos empreendimentos são o futuro e esses sim é que vão ditar o desenvolvimento que a região vai ter", considerou José Carlos Moura, explicando que a sua zona continua apostar no turismo.

"Temos a primeira casa de turismo rural de Montalegre. Uma casa já antiga, que tem apoiado estas visitas, pois cede espaços que mantêm intocáveis ao longo dos anos. E com este impulso que a aldeia teve, está a decorrer um projecto de turismo de aldeia onde estão inseridas dez casas de campo e esperamos que seja aprovado para dar outra vida à aldeia", confessou. "Se não criamos emprego não vamos conseguir fixar os mais jovens, posso dizer que temos aldeias a fechar e nessas aldeias é que ainda temos a verdadeira identidade das nossas gentes", concluiu.

"O grande desafio será conseguirmos criar condições de trabalho para quem queira dedicar-se à agricultura"

Came Barrosã, mel de Barroso e produtos com in-

dicação geográfica, como o fumeiro de Boticas João Paulo Costa apresentou no Seminário de "Empreendedorismo e inovação no Meio Rural" a "experiência de vários anos na comercialização de produtos de origem".

"Esta denominação é importante para distinguir aquilo que é nosso e que é bom", afirmou João Paulo Costa. "Os nossos produtos são de reconhecida qualidade, são excelentes, são património gastronómico imenso e é necessário preservar o mais possível", disse.

"O desafio maior é sem dúvida conseguir fixar a população com estas iniciativas, coisa que não está fácil porque a vida nas regiões de montanha e no interior está cada vez mais difícil. O grande desafio será conseguirmos criar condições de trabalho para quem queira dedicar-se à agricultura e à produção de produtos de qualidade e criar-lhes condições para eles se fixarem, viverem com as suas famílias e terem uma vida digna, honrada e folgada", referiu João Paulo Costa.

É necessário haver também uma mudança de mentalidades entre os produtores. "Nós vivemos numa zona de minifúndio e os custos de produção são muitos. A rentabilidade nunca é muito grande e as pessoas terão de se ajustar aos novos tempos e fazerem parcerias entre produtores para diminuir os custos de produção", referiu, explicando que "este facto ainda não está muito enraizado na população". "Apesar de historicamente termos hábitos comunitários muito enraizados, deois também esbarramos em muitas dificuldades para nos associarmos e trabalharmos em conjunto", concluiu.

Diogo Caldas